

# Grupo dos Sete analisa a suspensão

**REALI JÚNIOR**  
Nosso correspondente

Paris — O caso brasileiro, isto é, a decisão do governo de decretar a suspensão do pagamento dos juros da sua dívida externa, foi incluído no menu da reunião dos sete países mais industrializados do mundo ocidental que se realiza atualmente em Paris, cujo objetivo inicial já era ambicioso: a estabilização do dólar, que se encontra em constante queda desde o final de 1985. Segundo áreas financeiras francesas, os ministros de finanças, não esperavam tratar do problema brasileiro, mas agora não vão perder a ocasião para consultas mútuas sobre o posicionamento que deverão adotar, pois todos esses países estão envolvidos com a dívida brasileira.

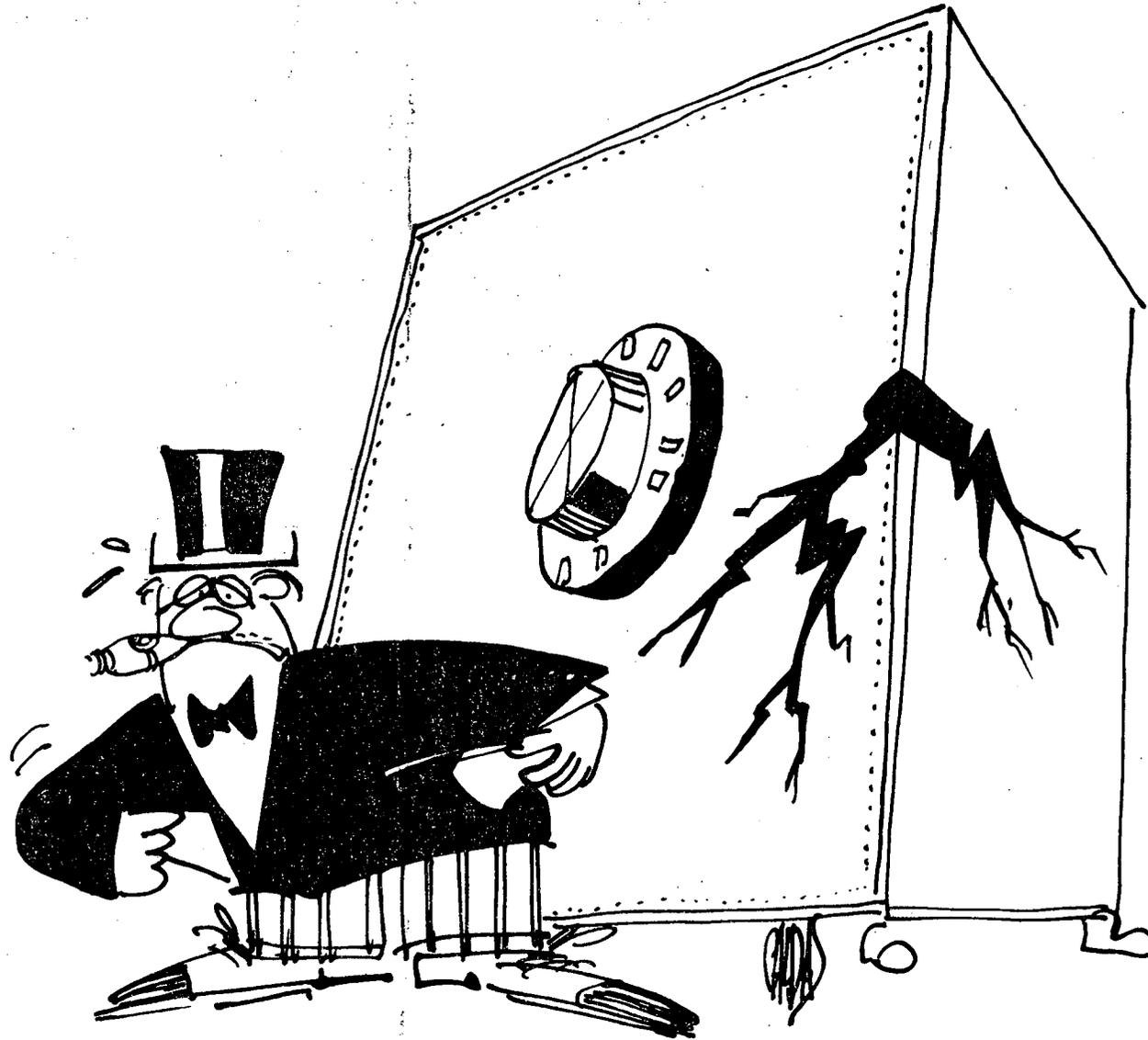
A importância da iniciativa brasileira pode ser medida pela repercussão junto aos meios financeiros de todo o mundo. Ontem, a manchete do matutino *Le Matin*, ilustrava bem essa informação: "O Brasil se convida à reunião dos sete". Com base em informações dos meios bancários franceses, o jornal revelou que a decisão de Brasília de suspender o pagamento dos juros de sua dívida, a maior do mundo, superior a 108 bilhões de dólares, não pode deixar de ser um assunto obrigatório de reflexão dos sete ministros de finanças reunidos na capital francesa.



Além do caráter "subversivo" para a comunidade financeira internacional, a decisão do Brasil revela as falhas da "gestão concertada" do problema da dívida ou da falência do mundo em desenvolvimento, concordam alguns economistas europeus, segundo revela em editorial o jornal *Le Matin*. Os analistas afirmam que após a crise mexicana, em agosto de 1982, todo mundo se manteve na expectativa, colocando numa mesma mesa de negociação todos os protagonistas do drama do endividamento que procuravam administrar o que consideravam como uma crise passageira. Na verdade, o que se pretendeu foi administrar através de artifícios, adiamentos, dinheiro novo etc.; isto é, "empurrar com a barriga" o problema, esperando que os chamados "novos países industrializados" produzissem as riquezas necessárias que os tirassem do buraco.

Essa crítica é feita ao conjunto dos países desenvolvidos, mesmo os Estados Unidos, durante muito tempo favoráveis a esse tipo de política, até admitir que qualquer solução só poderia ser encaminhada desde que todo mundo aceitasse concessões. De um lado, os países devedores restaurando internamente as condições de um crescimento duradouro e são. De outro, os bancos privados aceitando conceder novos créditos e facilidades de pagamento. Finalmente, o FMI supervisionando, mas não impondo políticas fortemente recessivas a esses países para que pudessem ser preservadas as chances de um desenvolvimento rápido e um nível de vida mínimo para as classes mais desfavorecidas.

Mas nada disso foi possível, pois as belas idéias contidas no plano de James Baker, secretário do Tesouro norte-americano, pouco progrediram no plano prático. Isso porque os bancos privados são empresas em busca de lucro, não podendo fazer com que seus clientes corram riscos. As jovens democracias endividadas, o Brasil, a Argentina e as Filipinas precisam também, para se sustentar, levar em conta a opinião pública inter-



na. Isso explica a posição brasileira adotando uma política irrealista de congelar os preços sem bloquear os salários, provocando assim um boom no consumo. Além do mais, as nações que estão construindo uma indústria não podem ser condenadas

por se abrir totalmente numa concorrência com os países desenvolvidos que os ameçam de não mais aceitar suas exportações, único meio que eles detêm para garantir o pagamento do serviço da dívida. Essas mesmas áreas estão convencidas de

que uma boa parte da dívida jamais será paga, razão pela qual é preciso colocar em prática mecanismos novos que permitirão evitar que o fardo financeiro esmague os países em desenvolvimento e, junto com eles, alguns de seus principais credores. Is-

so porque a dívida do Terceiro Mundo superou, pela primeira vez, um trilhão de dólares, segundo se revelou ontem em Paris, à margem da reunião dos sete.

## RESULTADOS DISCRETOS

Nenhum resultado espetacular é esperado do encontro dos sete ministros de economia e finanças dos países mais desenvolvidos do mundo ocidental. O objetivo é estancar a queda do dólar, que perdeu nos últimos 18 meses mais de 50 por cento de seu valor, impondo uma maior estabilidade ao sistema monetário internacional. Ontem, James Baker, secretário do Tesouro dos EUA, lembrou que o encontro não produzirá necessariamente um acordo, sendo que cada acordo não produzirá necessariamente uma profunda transformação na economia mundial. Também o governador do Banco do Japão, Satoshi Sumita, não espera um acordo sobre as zonas de referência visando às flutuações das moedas, e o próprio Paul Volcker, do Federal Reserve, considera que anunciar um acordo em Paris seria prematuro. Na Alemanha, a reticência é ainda maior, pois Bonn teme que o peso do estabelecimento de margens de referência caia sobre suas costas. De qualquer forma, sete ministros de finanças dos países mais industrializados não se reunem, num fim de semana em Paris, para nada. Alguma coisa deve acontecer, pois todos chegaram à conclusão de que chegou o momento de estancar a queda da moeda norte-americana. Para isso, Alemanha Federal e Japão devem admitir uma retomada de suas economias e uma redução suplementar de suas taxas de juros, sem o que os EUA não admitem nenhum acordo e vão continuar deixando que o dólar continue caindo. A moeda dos EUA, que subiu quando a reunião foi anunciada, perdeu o que havia ganho na véspera com a declaração da suspensão do pagamento dos juros pelo Brasil, pois isso penaliza fortemente quatro dos maiores bancos privados dos Estados Unidos.